

JORGE, Salomão. Carlos Gomes e a âncora das estrelas. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 fev. 1982. Seção Livre.

SEÇÃO LIVRE

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029893

CARLOS GOMES E A ÂNCORA DAS ESTRELAS

Salomão Jorge

Informou "O Estado de S. Paulo", na sua edição de 17 de janeiro de 1982, que várias peças de Carlos Gomes para piano, uma delas na partitura original, foram descobertas devido a um trabalho de pesquisa coordenado pelo Departamento de Música da Unicamp. Surgem novos aspectos, portanto, na obra do imperecível compositor. Verifica-se, por exemplo, o seguinte: ele é o autor da letra de "Povera Bambola", ópera composta em Milão, lá pelas alturas de 1867. A referida pesquisa irá permitir, até o final do presente ano, que a Orquestra Sinfônica de Campinas — da gloriosa Campinas de Júlio de Mesquita, Guilherme de Almeida, Campos Sales e César Bierrenbach — execute a "Joana de Flandres", cujo êxito permitiu a Carlos Gomes que obtivesse, a fim de estudar na Europa, uma pensão do Governo Imperial.

Este minudente trabalho de pesquisa, exigindo amor, pertinácia, carinho, idealismo, tem sido realizado por um jornalista, o Sr. Benedito Barbosa Pupo, ao qual todos os amantes da Beleza e da Cultura ficam devendo um serviço de valor inestimável. Graças à sua paciência — e ela, a paciência, nada mais é do que uma força, uma energia, conforme acentuou George Sand — o Sr. Pupo descobriu, nos arquivos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, as cópias de um impresso de três manuscritos de peças para piano, da lavra de Carlos Gomes: um scherzo, a "Spagnoletta", "Cayumba" e "Picula-Polka".

E tornamos a ver o poeta da melodia, em busca da música do trópico, que lhe traduzisse o ideal, como aqueles sertanistas de Euclides da Cunha, sem bússola, perdidos, à noite, na selva amazônica, e que se orientavam "amarando-se às âncoras das estrelas".

Campinas, a princesa do Oeste, cujo céu foi eleito para ser a pátria das andorinhas, teve a ventura também de ser escolhida pelos deuses, para ser a terra do berço de Carlos Gomes.

Quando ele nasceu, a 11 de julho de 1836, o pai era quase quinquagenário, e a mãe estava em pleno esplendor da juventude.

Tinha Carlos Gomes apenas oito anos de idade, quando passou pelo golpe de perdê-la — misteriosamente assassinada —, entre festões de rosas brancas e rosas silvestres, numa rua que se chamava das Flores.

Filho de maestro, era ele quem substituía o pai na regência da banda e na igreja. E quando D Pedro II visitou Campinas ficou admirado de ver aquele garoto de dez anos tocando ferrinhos com uma habilidade e sentimento invulgares.

E o Brasil ficou também admirado, quando o menino, de quinze anos, que possuía bela voz de tenor, compunha a música da poesia de Bittencourt Sampai: "Quem Sabe?"

"Tão longe, de mim distante,

Onde irá, onde irá teu pensamento!"

O hino acadêmico que Carlos Gomes compôs para a Faculdade de Direito de São Paulo ao ser cantado pela primeira vez, com a presença do autor, foi a pedra de toque que o animou a não regressar mais a Campinas, seguindo definitivamente para a côrte, embora com isto contrariasse a decisão paterna, impotente, agora, para conter a expansão daquela natureza desbordante, como que a ensaiar o seu voo para os horizontes vertiginosos da glória.

E chega ao Rio, com duzentos e quarenta réis no bolso; milionário, porém, de esperança e de sonho. E escreve ao pai expondo os seus planos de falar ao imperador para obter dele proteção, a fim de entrar no conservatório do Rio. Diz que a idéia fixa da arte o acompanha como o seu destino, e termina pedindo-lhe a bênção e o perdão. A missiva do pai não tarda em chegar, abençoando e formulando votos pela felicidade do filho.

E o Tônico de Campinas, com a proteção do Imperador, consegue a matrícula no Conservatório que era dirigido pelo autor do Hino Nacional Brasileiro: Francisco Manoel da Silva.

Começou logo os estudos de composição, e escreveu uma cantata que, exibida na Academia Imperial de Belas Artes, lhe valeu a medalha de ouro do Conservatório.

Tinha apenas 24 anos Carlos Gomes, quando adoece de febre amarela. Aproveitando um descuido do enfermeiro, levanta-se do leito e corre para a Academia, com as forças de que ainda dispunha. Aí chegando, no momento exato do início da festa, apanha a batuta, e impulsionado por duas febres igualmente respeitáveis: a amarela, e outra ainda maior, a rubra, do seu entusiasmo pela arte dionisiaca, rege a orquestra, como se Mefistófeles, em pessoa, a regesse, estranho e anguloso.

Um ano depois sobe à cena, no Teatro Provisório, a primeira ópera de Carlos Gomes, depois representada em São Paulo e Campinas: "A Noite no Castelo", libreto que José Fernandes dos Reis compusera extraído do poema de Feliciano de Castilho. A ópera original, em que se exalta a poesia do trópico e a harmonia da terra, primeira

afirmação da arte nacional no Brasil, se de um lado exasperou a família sempre indefectível dos despeitados, de outro, foi recebida, na primeira das grandes consagrações, pela crítica e pelo povo. Condecorado pelo Imperador, foi cumulado de presentes valiosos e expressivos. Na primeira partitura, as árias do mestre estavam impregnadas de um suave aroma feminino: a silhueta delicada de Ambrosina, o amor impossível da sua adolescência.

"Joana de Flandres", a sua segunda ópera romântica, cujo libreto é de autoria de Salvador de Mendonça, tem, consoante a crítica, algo da música de Schubert, e a ternura e paixão índio-lu-

so-africana nos seus entrecchos sinfônicos.

Em 1863, parte para a Itália, protegido e recomendado por D. Pedro II, que lhe concede uma pensão mensal de 180\$000, durante quatro anos. No teatro São Carlos de Lisboa, assiste a uma ópera de Verdi, com quem ele tanto se parecia, tanto no ímpeto dos arroubos, na fertilidade da inspiração, como na hipnose rítmica exercida sobre os auditórios deslumbrados!

Discípulo, em Milão, de harmonia e contra-ponto do maestro Lauro Rossi, o consagrado autor do "I Falsi Monetari", e o continuador das tradições deixadas por Donizetti, Carlos Gomes consegue obter, três anos depois, o diploma de **Maestro Compositore**. Assim que foi laureado, a convite do poeta Scalvini, escreveu a música das revistas: "Se Sa Minga" e "Nella Luna", que lhe aumentaram a popularidade, tal o êxito com que foram recebidas nos teatros Fossati e Carcano, e lhe abriram as portas do "Scala", de Milão, onde, no dia 19 de março de 1870, foi representada a ópera "Guarani", inspirada na obra de José de Alencar. Ela foi levada sob a direção do maestro Terziani, e entre os intérpretes destacaram-se Sass, Storti, Villani, Victor Maurer, Masato. E no teatro da velha cidade dos reis lombardos os cenários ostentavam as altivas palmeiras do Brasil, enquanto o palco se enchia de tembis e borés.

Poucos minutos antes de começar a peça, Carlos Gomes chega, agitado, nervoso. Está literalmente cheio o maior teatro da pátria da música, onde S. Ambrósio e S. Gregório, o Grande, introduziram os cantos ambrosianos e gregorianos, Perluigi da Palestrina, foi o mestre da melodia madrigalesca, Alessandro Scarlatti, o chefe, o iniciador da escola napolitana que imperou sobre toda a Europa, a pátria onde pontificaram Cherubini, Spontini, Rossini, Zingarelli, Donizetti, Ponchielli, Bellini, o gênio que quase com a mesma idade do compositor brasileiro, no mesmo teatro de Milão, quarenta anos antes, deslumbrava o mundo com a "Norma" e a "Sonâmbula".

No teatro, encontram-se mais de duzentos maestros compositores. Ali está Verdi, está Lauro Rossi, está um francês de testa ampla e barbas de patriarca, autor de coros orfenônicos, de melodias vocais, de sublime música religiosa: Carlos Francisco Gounod.

E quem vai enfrentar a multidão heterogênea, irônica, brilhante, culta, com a tradição milenar da música, é um moço pálido, filho de uma cidadinha longínqua, num país remoto, quase desconhecido para toda aquela gente. É o filho do Maneco-músico, o Tônico músico que tocava ferrinhos nas ruas de Campinas.

Ouvem-se os primeiros compassos. A sua cabeça de leão como que pega fogo. Ondas de frio cruzam-lhe a espinha. E aos ouvidos de toda a gente

começa a rolar um rio que no princípio é como se fosse um fio de água, e que depois vai aumentando, vai crescendo, vai engrossando, vai se encachoeirando, numa força, num tumulto, numa vertigem, que nos deixa confusos, perplexos, atônitos. Enquanto o rio corre, canta, espadana, soluça, se acalma, se enfurece e se precipita em abismos que se renovam, carrega sobre os ombros, como um rei asiático, o manto de ouro e púrpura das tardes do Brasil. E não é somente o rio que rola em borbotões aos nossos ouvidos, a floresta telúrica, o templo bárbaro começa também a voltear diante dos olhos extasiados. São lagoas, em cujo espelho facetado a lua se enamora e iaras de cabelos de ouro dançam para os olhos cobiçosos dos curupiras. Árvores gigantescas enchem o silêncio musical. É a orquestração de todos os pássaros, a volúpia de todos os aromas, a dança de todas as cores, a festa de todas as pedras preciosas, o ritmo de todos os tumultos sobre o arco-íris da selva! E no cristal da terra, purificada pelo hálito de Deus, a tragédia do homem, o canção pensante de Pascal, impotente diante da morte, ébrio de amor e sedento de infinito! É o amor, a saudade do amor, transcendentalizado pelo sofrimento, divinizado pela poesia!

E nessa noite memorável veio o que tinha de vir. A glória desceu do seu trono, para se entregar, voluptuosamente, àquele Apólo moreno, filho do infinito planalto, onde pompeiam as altivas palmeiras! O público em delírio aclama o brasileiro. Aplausos frenéti-

cos coroam cada trecho, e depois de cada ato o autor é chamado 15, 16, 18 vezes! O grande Rossi assegura que nenhum mestre colheu, em circunstâncias idênticas, vitória igual à do "Guarani". O autor de "Aida" diz que o maestro começa onde ele acaba. Gounod o abraça comovido!

E Carlos Gomes vem ao Brasil, visita São Paulo e Campinas, e assiste, com a presença do Imperador e da Imperatriz, de José de Alencar, de todo o mundo social do Rio, a representação da sua peça, sob uma tempestade de aplausos!

Na primeira récita o autor é distinguido com a Comenda da Ordem da Rosa, e, na quarta, é levado pelo povo até sua residência, com "marche aux flambeaux". Nessa noite conheceu o que foi sempre o amigo dedicado, que Nabuco disse "ser impossível resumir num traço como lhe seria impossível figurar uma trajetória infinita", e que se chamou André Rebouças, e a quem mais tarde dedicaria o "Salvador Rosa".

Regressando à Itália, Carlos Gomes casou-se com Adelina Peri, pianista laureada e de uma nobre família de Bologna.

O Congresso brasileiro votou-lhe então uma mensalidade maior por cinco anos. Adquire na Lombardia, em Maggiano, um terreno onde constrói uma casa de campo: a Vila Brasília, em frente da qual a bandeira brasileira, sempre hasteada, recebia a saudação dos ventos itálicos. No fundo da vila havia um lago, onde deslizava a canoa verde-amerela "Pindamonhangaba". Sempre a presença da pátria na memória do exilado! Enquanto no "Scala" era levada a "Fosca", de técnica e polifonia aprimoradas, que represen-

tou na obra do campineiro, na opinião de Mário de Andrade, o único momento em que ele pretendeu elevar-se acima de si mesmo; naquela época morreu a primogênita do maestro: Carlota Maria. Pouco tempo depois, perde um filho. Alguns anos mais tarde, a morte leva também a sua Adelina.

Mas o maestro não descansa: "Salvador Rosa", extraído do "Masaniello", de Mirécourt, trabalho que reafirma a força do gênio; "Maria Tudor", "Lo Schiavo", impregnado de um notável acento tropical. A aurora brasileira, o "ciel di Paraíba", os bailados da Ronda dos tamoios, são constante exaltação de beleza da Pátria.

Em 1889, aquele ingênuo, aquela criança de cabelos brancos, na voz de Artur Azevedo, volta ao Brasil, e assiste a proclamação da República, desolado com o golpe que exilava para sempre o seu grande amigo. Os credores já haviam-lhe tomado a Vila Brasília, os reverses não cessavam de perseguir-lo, e agora, sem o seu protetor, ele teria de enfrentar uma nova conspiração de obstáculos mais inclementes. Mas não arrefeceu. O seu espírito estava sempre muito longe da terra, perdido na sinfonia das estrelas e dos espaços profundos! Atravessa o oceano ainda algumas vezes. Recebe homenagens em Lisboa. Compõe o "Condor", em que há influência de Wagner, que no conceito de Andrade Murici, não é um canto de cisne, mas uma indistinta, tateante aurora. Depois, "Colombo", inspirado por Diana Raggi, a sua derradeira musa, obra que Salvatore Ruberti diz ser "a criação mais perfeita que o genial artista brasileiro tinha dado ao mundo musical", e em que os violinos descrevem a calmaria do mar, e a orquestra toda retrata a tragédia dos elementos desencadeados!

Um dia, o dr. Lauro Sodré, governador do Estado do Pará convidou-o para dirigir o Conservatório de Música de Belém. E o maestro, de Milão, combatido, doente de moléstia incurável, num esforço sobre-humano, volta ao Brasil. Não foi ele quem disse ao médico antes de partir:

"Se meu mal é de morte, quero morrer no meu Brasil. Não há curas que me detenham aqui?"

E chega a Belém, onde é delirantemente recebido. O leão está ferido de morte, o deus não é mais que um espectro. Mas é feliz como o filho pródigo que volta, porque está em sua casa. Porto Alegre ou Manaus, Florianópolis ou Recife, Campinas ou Belém, tudo é a mesma coisa, tudo é o mesmo teto, tudo é o mesmo lar.

E Carlos Gomes, incurável, sofrendo, estirado numa *chaise-longue*, sonha, delira: a mãe assassinada na rua das Flores, Maneco-Músico regendo a banda, e ele tocando ferrinhos diante dos olhos estupefatos das meninas campineiras. Depois ouve um escravo humilde executando, em gaita de foles, num recanto da terra do berço, a melodia do "Guarani". E surge o palco do Scala de Milão: Verdi, Rossi, Gounod! Ambrosina, Adelina, Diana. O pai, o mano Juca, os filhos... e na melancolia chuvosa daquela manhã paraense, parou o coração onde se pararam todos os ventos do infortúnio, do amor e da saudade; pendeu a sublime cabeça no colo da morte, a cabeça sonhadora, onde rolaram todos os rios, farfalharam todas as florestas e cantaram todos os pássaros do Brasil!